

Queimados: liberdade e morte

Queimados: Freedom and Death

Artur Bogéa*

Em¹ 1849, na pequena povoação de São José dos Queimados, explodindo uma revolta de escravos comandada pelo negro Elisiário que se transformou num Spartacus capixaba. Desde 1927 – quando surgiu a monografia de Afonso Cláudio “Insurreição do Queimado – episódio da história da Província do Espírito Santo”, o acontecimento se tornou o preferido de escritores locais.

Nos últimos dez anos, três peças ainda foram escritas sobre a insurreição de Elisiário, nenhuma, porém, chegou ainda ao palco. No fim do ano passado apareceu de surpresa nas livrarias, uma delas, assinada por Luiz Guilherme Santos Neves, professor de História do Espírito Santo na Universidade Federal do Espírito Santo, de uma família de escritores e pesquisadores.

* Ensaísta. Professor do Departamento de Línguas e Letras da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes).

¹ BOGÉA, Artur. *Queimados: liberdade e morte*. Entrevista de Luiz Guilherme Santos Neves a Artur Bogéa. *A Gazeta*, Caderno 2, Vitória, 10 jan. 1978.

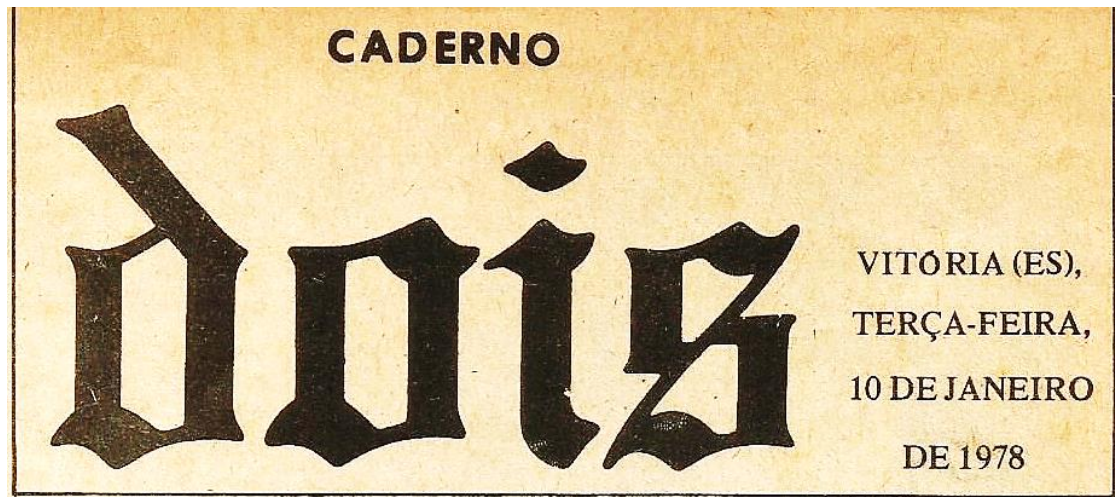
A obra foi publicada como “Documento cênico”. Entre os que a leram destaca-se João Felício dos Santos, ele também, voltado para os personagens negros da História do Brasil – Ganga Zumba, Chica da Silva – que considerou o texto admirável. Enquanto não é encenada, a peça de Luiz Guilherme está à disposição de quem se interessa não apenas pelo teatro, mas pela História.

O autor introduziu músicas do folclore capixaba – o jongo, incelênça, recomenda – com partituras transcritas pela professora Dora Abreu de Carvalho, sem dúvida mais que uma curiosidade regional; e, além disso, um poema de Reinaldo Santos Neves, o autor de “O Reino dos Medas” um dos romances mais representativos dos novos escritores capixabas.

A publicação de “Queimados” traz ainda uma outra colaboração de Luiz Guilherme, a de que em breve se possa falar de Literatura Capixaba, uma vez que a ausência de certos gêneros, como o teatro, faz com que até agora se fale apenas em escritores capixabas; um aspecto polêmico certamente, e que não caberia aqui colocar como discussão, apenas serve como indicação.

A recriação poética da linguagem imprime mais força aos diálogos de “Queimados” e a trama narrativa vai se desenvolvendo a partir do confronto dos personagens depois do elenco desencadeador da ação: a construção de igrejas pelos escravos em troca de uma prometida alforria pelo vigário Frei Gregório José Maria de Bene.

Entretanto, Luiz Guilherme deixa ao espectador/leitor o julgamento do sacerdote. Não acusa; não defende. É um tribunal dentro do teatro.



Todo intelectual capixaba em um trabalho sobre “Queimados” em prosa ou verso, que procura manter nos originais, que razão levou você a romper com esse ineditismo cultural?

LGSN – Desde que comecei a ensinar História, ainda quando era aqui na antiga Faculdade senti a dramaticidade do tema que considero explorável dentro de vários aspectos literários, romance, teatro e outras formas. No meu caso particular escolhi para ser uma peça de teatro, isso há dez anos atrás. Toninho Neves tinha fundado o **Grupo Geração** e quando assisti a montagem de *Arena conta Zumbi* quis elaborar algo dentro da técnica semelhante, até mesmo com os próprios autores representando vários personagens da peça. Cheguei a trocar ideia com o Toninho e ele se mostrou interessado, mas, por uma questão de preguiça mental deixei a peça hibernando, quase diria em gestação, até que sem ter uma razão maior decidi passar para o papel o que já estava em ebulição. Aproveitei o Carnaval do ano passado e escrevi de sábado à quarta-feira, estimulado pelo Reinaldo (Santos Neves – também escritor) e pelo pessoal de casa, mas ainda nesse período dei apenas a forma básica da peça e quando retornei das férias, visitei o Arquivo Público para levantar os documentos que eu sabia encontrar lá referente a Queimados, e que está ao alcance de qualquer pesquisador; lá encontrei uma carta de Frei Gregório José Maria de Bene que acabei utilizando...

É o texto do julgamento?

LGSN – Exato, é o texto do julgamento, e além dos documentos encontrados, utilizei também a monografia de Afonso Cláudio sobre o episódio de Queimados; se pode mesmo afirmar que tudo o que se escreveu depois sobre esse acontecimento, inclusive o trabalho de Francisco Eugênio de Assis, derivam do trabalho de Afonso Cláudio; mas voltando à sua pergunta, depois de pronto o trabalho surgiu a grande interrogação dentro de mim que era saber se o texto era encenável, se tinha algum valor dramático...

... um diretor pode até mesmo encenar catálogo telefônico!...

LGSN - ... mas a minha dúvida era de ordem perfeccionista, de apresentar com esse trabalho algo que valesse a pena. Não pretendia agradar a todos, mas queria alguém que dissesse: "Serve". Voltei ao Toninho que independente do parentesco é alguém que faz parte do meio teatral, que é um terreno minado, principalmente aqui nessa Ilha, que está cheia de minas e respeito todas elas que estão aí... O Toninho se entusiasmou com a peça e estamos dispostos a montar...

Você já tinha escrito alguma outra peça antes?

LGSN – Não. Esse é o meu primeiro trabalho para teatro...

... alguma outra publicação?

LGSN – de literatura não...

Por que a escolha do gênero?

LGSN – Pela dramaticidade do fato que também acho que possui um veio romanceável muito grande; entre o teatro e o romance preferi o teatro por uma certa inclinação desde o começo.

É interessante assinalar que desde o início da leitura da peça, há a indicação de que você queria ir mais além do que a forma dos diálogos, estou abordando esse aspecto, porque quando se lê os romances de Virginia Tamanini, o que chama a atenção é o poder do diálogo acima da narrativa, é apenas uma referência entre você e ela como escritores, mas gostaria de saber se você pretende passar os fatos também para o romance?

LGSN – É uma hipótese, mas receio me tornar um especialista em Queimados... o que existe de romance seria por outra razão...

O historiador?

LGSN – ... o leitor de romance que sempre fui, mas não quero ficar conhecido como “Luiz Guilherme Queimados”, fico só na peça.

A publicação de sua peça causa duas surpresas. A primeira é que no Espírito Santo se publicam muito poucos livros, e você aparece com uma peça, e em segundo é que há quem afirme que o teatro está morrendo...

LGSN – O teatro não está morrendo, dentro de uma análise em termos de Brasil ele pode passar por momentos difíceis ou mais favoráveis; em segundo lugar, publicar *Queimados* foi a forma que tive de colocar o texto nas mãos de quem se interessa por teatro.

A morte do teatro já está sendo anunciada há anos, também não creio nela, mas não lhe parece que ele ficará restrito a uma elite, como a ópera?

LGSN – Isso vai depender dos que fazem teatro ou que escrevem para teatro. Há atualmente a sofisticação do teatro e isso pode afastar o público, sim, quando o teatro fica mais cerebral a tendência é se afastar de suas origens mais populares, porque todo homem é teatro.

Para a elaboração dos diálogos em sua peça, houve alguma pesquisa da linguagem popular?

LGSN – Não, não fiz pesquisa nesse sentido, mas vivi o problema de colocar na boca dessas figuras que aí estão, uma linguagem que não fosse coloquial, não trabalhada, mas que pudesse ser aceita dentro do contexto da peça. A linguagem que saiu foi essa com o propósito de torná-la aceitável sem estar distante do público.

A linguagem do texto é muito poética, quero dizer parece a recriação poética da linguagem popular, mas em determinadas passagens, ela parece forçada, então a gente inevitavelmente lembra das últimas produções de Guimarães Rosa quando ele se deslumbrou com a própria capacidade de recriar a linguagem e quase em detrimento do que queria contar. Mas no seu caso, e é isso que interessa, como você imaginou essa linguagem?

LGSN – Como os meus escravos a falariam.

Todos os personagens que você apresenta na peça existiram realmente?

LGSN – Todos existiram realmente, fiz algumas alterações como no caso do personagem Josino. Na realidade ele se chamava João, mas preferi modificar para não ser confundida com outra do mesmo nome e tornar assim mais fácil a aceitação do personagem...

Às vezes fico preso à questão de detalhes e por isso, quero me referir apenas a uma citação do seu texto, sobre Pai Luanda, ele existiu?

LGSN – Nesse caso já é imaginação.

Você não responsabiliza inteiramente Frei Gregório pelos acontecimentos de Queimados, por outro lado você não o inocenta, por que você preferiu manter esse distanciamento?

LGSN – Entrou a minha parte como professor de História. Não é possível, hoje, se definir com precisão se Frei Gregório foi realmente o pivô do desencadeamento da insurreição, mas ele contribuiu de certa forma. Se disse claramente ou sugeriu a alforria, se houve uma deturpação do que ele disse, acho muito difícil se definir o papel dele...

Você acha possível o escravo se aproveitar de vagas sugestões?

LGSN – O escravo pensou que tivesse esse apoio e dentro dos fatos, a revolta é porque ele desacreditou desse apoio.

Então a figura de frei Gregório... diante da revolta...

LGSN – A revolta foi possível com o Frei, sem ele não seria possível, agora a medida exata da contribuição do frei eu não me arriscaria a definir, e por isso preferi que cada um que assistisse à peça definisse seu julgamento...

Haveria influência em seu trabalho da teoria da Obra Aberta, de Umberto Eco?

LGSN – Acho muito válido que aqueles que lêem um romance ou assistem uma peça de teatro, possam sair com uma dúvida com relação aos fatos futuros, acho válido que se deixe uma dúvida no espectador ou no leitor, para ser desenvolvido

por cada um, até chegar a uma definição própria, que eu chamaria de pós-enredo ou pós-final.

A que ordem religiosa pertencia Frei Gregório?

LGSN – Era da ordem dos franciscanos.

O papel dos jesuítas já está bem definido na História do Brasil, qual é o papel dos franciscanos na colonização? Eles teriam, como os jesuítas alguma pretensão de dominação política?

LGSN – Tenho a impressão de que os franciscanos não foram tão rígidos na implantação de uma política teocentrista. A impressão que tenho é de que se houve essa pretensão por parte da Ordem ela foi exercida com mais afrouxamento do que pelos jesuítas. O franciscano foi um evangelizador descomprometido com certos princípios políticos...

... mas não haveria disputas entre as casas reais europeias que se apoiassem de um lado nos jesuítas e do outro nos franciscanos?

LGSN – Seria difícil precisar essa vinculação político-dinástica.

O relacionamento de Frei Gregório com a rainha, de que você fala no texto está documentada historicamente ou pertence à tradição oral?

LGSN – A crença era de que esse relacionamento até certo ponto era real, e também se encontra documentada em Afonso Cláudio.

Certas passagens de sua peça soam panfletárias, por exemplo: “Posso morrer mas morro matando”...

LGSN – Se fui panfletário foi distraidamente... não tinha intenção de fazer uma obra panfletária.

Abordando outra vez os detalhes, na cena do julgamento, você faz indicação de uma peruca para o juiz...

LGSN – É uma forma de figuração para o espectador o que necessariamente não queria dizer que o diretor deva obedecer essa indicação.

Sua liberdade criadora do primeiro ato aparece restringida no segundo por força da transcrição de documentos da época, foi a necessidade de permanecer fiel aos fatos?

LGSN – Isso ocorre por duas razões, considere o segundo ato decisivo para o esclarecimento do espectador e em segundo lugar o texto das cenas finais foi praticamente extraído de uma correspondência de Frei Gregório e então preferi deixar falar o frei na parte do julgamento.

A participação dos moradores de Queimados, além dos escravos, na construção da igreja é fato que possa ser comprovado historicamente dentro da mentalidade escravagista da época?

LGSN – Me reportando ao que frei Gregório diz nesse documento, esse trabalho seria de pessoas humildes, habitantes do local, distanciados portanto dos senhores, e esse trabalho não era incompatível com a época.

Há uma tradição regional que faça de São José um santo festejado?

LGSN – A devoção popular está mais voltada para São Benedito, acredito que no caso de Queimados, São José fosse mais uma devoção de Frei Gregório, e poderia eventualmente estar ligado ao nome do local.

A atribuição do “poder do diabo”, junto aos revoltosos, é modismo ou está no documento assinado por Frei Gregório?

LGSN – É expressão dele, tanto que ele escreve “O Inimigo do Gênero Humano”, exatamente como coloquei na peça.

A sugestão de uma marcha fúnebre numa das cenas finais sugere Chopin, isso não lhe parece um tanto elitista?

LGSN – Não tive essa visão, se introduzi, não acho que tenha ferido o direito do diretor escolher outra música.

Você coloca na peça um coro que entretanto intervém muito pouco...

LGSN – Minha intenção foi sublinhar uma contribuição musical às passagens que na peça poderiam ser cantadas, e, foi a forma de colocar através do coro a contribuição folclórica.

De maneira geral, a dramaturgia brasileira experimenta um envelhecimento em dez anos, você acha que *Queimados* ultrapassará esse período?

LGSN – Acho que as obras que perduram são obras-primas, essa eu diria que é a minha prima-obra, um simples exercício de teatro que escrevi sem outra grande preocupação de fazer uma obra definitiva.

Quem tem acompanhado as montagens de Toninho Neves, que será o diretor de *Queimados*, nota o aspecto dionisíaco de sua direção, e algumas vezes mesmo, o texto serve de pretexto para um teatro que considero quase que de autor, você entregará o texto para que ele monte o espetáculo, ou você pretende supervisionar a montagem?

LGSN – Em nenhum momento eu supervisionaria a montagem, qualquer montagem. Qualquer apresentação inspirada no meu texto me satisfaz inteiramente.

Você abre a peça e encerra com a citação de dois poetas negros norte-americanos, no caso era o que estava mais próximo ou na falta de uns autores brasileiros e que melhor se enquadrava no contexto?

LGSN – Achei que estava mais compatível com o tema.

Qual é a atualidade de *Queimados*?

LGSN – *Queimados* é um trabalho que tem basicamente dois temas: a Liberdade e a Morte; a morte como consequência do primeiro, e, a atualidade de falar em liberdade que é a mais antiga aspiração do homem me parece indiscutível.



Fac-símiles de parte da entrevista publicada no jornal *A Gazeta* (Foto de Roberto Dantas).